

EDUCAÇÃO, GÊNERO E JUVENTUDES

Ana Paula Barbosa Teixeira (PIBIC/UFPI), Débora Andreia dos Santos (PIBIC/UFPI) e Luzineide dos Santos Conceição (PIBIC/CNPQ)

Introdução

Muitos são os debates e teorias que surgem e se difundem sobre a temática educação e juventude. São pesquisas de vários campos do conhecimento como a Educação, a Psicologia, a Sociologia, a História, a Antropologia, dentre outras ciências humanas, configurando-se, assim, como um tema complexo, interdisciplinar e dinâmico. A temática juventude vem progressivamente sendo discutida por muitos estudiosos como Matos (2006), Bomfim (2006, 2007), Abramo (2000) dentre outros, que também classificam - no como complexo, necessitando de uma abordagem também interdisciplinar a ser investigada. Uma terceira categoria que focamos nesta pesquisa e que apresenta um grau de complexidade, talvez ainda maior que as anteriores, é o gênero, pois são muitas as dificuldades encontradas por pesquisadores que se enveredam pelos estudos de gênero, um campo minado de incertezas, repleto de controvérsias e de ambigüidades, caminho inseguro para quem procura marcos teóricos fixos e definidos. Sabemos que essa problemática é bastante presente nas relações cotidianas, inclusive nas instituições que são consideradas pilares na educação do indivíduo como a família e a escola. Nessa perspectiva, Scott (1990), Louro (1997) e Meyer (2007) enfatizam a importância de se articular gênero e educação, considerando a educação para além de processos familiares e/ou escolares. Foram utilizadas, portanto, definições de autores que se afinam como objetivo desta pesquisa. Ao longo do processo investigativo, no entanto surgiu um debate interessante referente aos valores que os jovens investigados apresentam, sejam valores pessoais ou aqueles valores transmitidos pela família; por esse motivo, procuramos aprofundar um pouco essa questão. Definimos, portanto, como objetivo geral analisar como se estabelecem as relações de gênero entre jovens (mulheres e homens; mulheres e mulheres, homens e homens, mulheres, homens e homossexuais (GLBTTs) de escolas públicas e de escolas privadas de nível médio). Como objetivos específicos: a) identificar as formas de violências nas relações de gênero quanto às dimensões afetivas, políticas e culturais nas organizações sociais juvenis do universo acima mencionado; b) identificar os valores vivenciados entre os jovens, no que se refere aos valores que substanciam o “ser feminino” e o “ser masculino” e os que deterioram estas dimensões na vida dos/as jovens e que subsidiam estes na discussão e reflexão para aprofundarem o conhecimento e o comprometimento de valores favoráveis à consubstanciação dos direitos humanos os que o deterioram, a partir dos achados da pesquisa-ação quanto à construção das feminilidades e das masculinidades. Para ajudar a compreender essa temática, foram utilizados como aportes teóricos, além de autoras (1999), já citadas, Louro, Felipe e Goellner (2007), Beauvoir (1980), Bomfim e Matos (2006), Piscitelli *et al* (2009), Guerra (2004). **Metodologia:** A presente pesquisa configurou-se como um estudo de natureza qualitativa, tipo pesquisa – ação e para Melucci (2005) o uso desse tipo de pesquisa baseia-se na própria dinâmica de

complexidade que caracterizam muitas das sociedades atuais e que essa necessidade radica nas várias modalidades quando nos reportamos às relações sociais contemporâneas. A mesma envolveu jovens mulheres, jovens homens e jovens transgêneros estudantes de 02 escolas públicas (01 na zona sul e outra na zona sudeste) e 01 privada (zona na zona sudeste). Vale ressaltar que esta pesquisa foi realizada em duas etapas culminando neste relatório: Na primeira etapa foram realizados contatos formais com a gestão das escolas buscando adesão para concretizar a pesquisa e abertura de canais para conversar as/os jovens. Na segunda, concretizaram-se 09 encontros com grupos focais, 03 em cada escola. Este relatório apresenta a análise dos dados pesquisados, à luz das idéias dos vários teóricos, já citados. **Discussão e resultados:** A análise dos dados e das observações dos grupos focais nos levou a inferir algumas conclusões: tratar a questão de gênero com determinado grupo que não conhece tal discussão, requer um esclarecimento rico sobre a mesma, pois a não ser no meio acadêmico e nos movimentos sociais, pouco se fala nessa problemática; a escola como locus privilegiado de formação, ensino e aprendizagem precisa abrir espaços específicos para a discussão dessa temática sendo necessário antes um processo de capacitação das/os educadoras/es, uma vez que os próprios jovens destacaram que a escola não trata de gênero e quando tenta trabalhar algo a respeito possibilita apenas alguns momentos pontuais e, ainda, sem nenhuma ou pouca fundamentação. Restringisse, em geral discutir o “usar camisinha”, por exemplo. Foi possível perceber que as/os educadoras/es não possuem esclarecimento sobre o tema. Outra inferência aproximada refere-se ao fato de que apesar de algumas conquistas femininas no campo profissional, a fala dos jovens demonstrou que a mulher continua sendo percebida como “o sexo frágil”, mesmo quando consegue conciliar família, trabalho e vida pessoal; as próprias jovens definem a mulher como pré- destinadas a constituir família e a ser mãe. Obviamente que cabe à mulher o papel de mãe, e em sendo essa capacidade intrínseca a ela, hoje ela tem o direito de escolher (ser mãe ou não), o que ao contrário do que acontecia no passado.

Palavras-Chaves: Educação. Gênero. Juventudes.